

A HIPERMASCULINIDADE DOS SUPER-HERÓIS E O (CURTO) CIRCUITO DA VIOLÊNCIA: ANÁLISE DA PRÁTICA COSPLAY POR PESSOAS QUEER¹

THE HYPERMASCULINITY OF SUPERHEROES AND THE (SHORT) CIRCUIT OF VIOLENCE: AN ANALYSIS OF COSPLAY PRACTICES AMONG QUEER INDIVIDUALS

Guilherme “Smee” Sfredo Miorando²

Adriano Beiras³

RESUMO

Este artigo analisa como narrativas de super-heróis produzem e reforçam modelos de hipermasculinidade que articulam corpo, dor e violência como tecnologias de gênero. A partir de autores como Judith Butler, Raewyn Connell, Axel Honneth, Paul B. Preciado e Teresa de Lauretis, demonstra-se que a masculinidade hegemônica opera por meio da performatividade, da abjeção e da reificação, convertendo o corpo masculino em objeto de disciplina, prova e espetáculo. A musculatura e a dor funcionam como dispositivos de status que afastam os homens do feminino, do infantil e da homossexualidade, consolidando uma lógica cultural em que a violência é naturalizada como expressão legítima de virilidade. O artigo também evidencia que a cultura dos super-heróis, amplificada pela mídia global, reforça ideais corporais e morais centrados em força, invulnerabilidade e domínio, contribuindo para pedagogias de masculinidade que exigem constante superação e negação da vulnerabilidade. Contudo, ao analisar relatos de cosplayers gays, o estudo revela a possibilidade de um curto-circuito nesse sistema: ao se

¹ Este estudo foi financiado através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Guilherme “Smee” Sfredo Miorando é pesquisador em estágio de pós-doutorado na área de Ciências Humanas pela UFSC, doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Unilasalle e especialista tanto em Quadrinhos (pela EST) quanto em Imagem Publicitária (pela PUCRS). É bacharel em Publicidade e Propaganda pela PUCRS e membro da diretoria da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) e da International Society for Superheroes Studies.

³ Adriano Beiras é Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da UFSC e docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da UFSC. É graduado em Psicologia pela UFSC e mestre em Psicologia pela mesma instituição. Possui Doutorado Europeu em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), na Espanha (com Menção de Doutorado Europeu), título revalidado pela UFSC, no Brasil.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

apropriarem da estética hipermasculina, esses sujeitos desestabilizam sua função disciplinar e expõem a artificialidade da norma. O cosplay queer transforma a hipermasculinidade em performance lúdica, comunitária e, por vezes, erótica, abrindo espaço para formas alternativas de viver o gênero e rompendo o circuito da violência. Assim, o artigo demonstra que, embora os super-heróis funcionem como tecnologias de gênero que reforçam hegemonias, eles também podem ser reapropriados como ferramentas de resistência e reinvenção identitária.

PALAVRAS-CHAVE: hipermasculinidade; violência; performatividade; super-heróis; queer.

ABSTRACT

This article examines how superhero narratives produce and reinforce models of hypermasculinity that link body, pain, and violence as gender technologies. Drawing on authors such as Judith Butler, Raewyn Connell, Axel Honneth, Paul B. Preciado, and Teresa de Lauretis, it argues that hegemonic masculinity operates through performativity, abjection, and reification, turning the male body into an object of discipline, proof, and spectacle. Muscularity and pain function as status devices that distance men from femininity, childhood, and homosexuality, consolidating a cultural logic in which violence is naturalized as a legitimate expression of virility. The article also shows that the globalized superhero industry reinforces bodily and moral ideals centered on strength, invulnerability, and dominance, contributing to pedagogies of masculinity that demand constant self-overcoming and the rejection of vulnerability. However, by analyzing narratives from gay cosplayers, the study reveals the possibility of a short circuit within this system: by appropriating hypermasculine aesthetics, these individuals destabilize their disciplinary function and expose the artificiality of gender norms. Queer cosplay transforms hypermasculinity into a playful, communal, and sometimes erotic performance, opening space for alternative ways of living gender and interrupting the circuit of violence. Thus, the article demonstrates that although superheroes operate as gender technologies that reinforce hegemonic masculinity, they can also be reappropriated as tools of resistance and identity reinvention.

KEYWORDS: hypermasculinity; violence; performativity; superheroes; queer.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um dos países que encontram maior aderência do imaginário sobre os super-heróis e também um de seus maiores mercados consumidores fora dos Estados Unidos, o país de origem dessas produções. As bilheterias do cinema corroboram essa afirmação. Enquanto em 2023, 50% dos melhores resultados da venda de ingressos de cinema mundialmente eram ocupados pelos super-heróis, no Brasil, 70% dessas bilheterias eram ocupadas por narrativas audiovisuais da mesma classificação (Miorando,

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

2024). Um exemplo mais recente dessa empolgação do público brasileiro com os super-heróis é a discrepância entre a performance de arrecadação do filme *He-Man e os Mestres do Universo* (2026) no Brasil e no mundo. Enquanto aqui o filme vendeu 1 milhão de ingressos em cinco dias de exibição, superando a expectativa dos estúdios, mundialmente, foi considerado um amargo fracasso de público (Andrade, 2026).

O sucesso de He-Man e dos super-heróis em países que eram considerados do Terceiro Mundo ao longo do século XX se relaciona com a forte dependência e subserviência cultural desses países à cultura pop dos Estados Unidos. Além disso, tratava-se de uma condição popular da cultura de massa, muito presente através da televisão, do videogame e dos quadrinhos, nos anos 1980 e 1990. Nessa época, o consumo de cultura era pouco diversificado e altamente difundido, o que contribuiu para que produtos derivados dessas narrativas tivessem grande aceitação nesses territórios. Uma das vantagens que eles tinham era serem uma das poucas opções desse tipo de entretenimento que chegavam ao alcance dos jovens. Uma das consequências dessa massificação e difusão dessas produções foi a introjeção de modelos de masculinidade hegemônica, heroica e vencedora sobre crianças brasileiras, que imitavam e consumiam produtos relacionados.

Essa influência é fácil de verificar quando números apontam que o Brasil é o segundo país do mundo em que mais pessoas frequentam academias de musculação e que tem academias por número de pessoas. Fica atrás apenas dos Estados Unidos (ESTADO DE MINAS, 2023). O Brasil também é o segundo maior polo de fisiculturismo do mundo, perdendo somente para os Estados Unidos (TERRA ESPORTES, 2025). Entre 2018 e 2024, a procura dos homens por cirurgias plásticas estéticas como mamoplastia e lipoaspiração aumentou em 95% no mundo, segundo dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) (Machado, 2026), um período que se relaciona com as altas bilheterias e a influência dos filmes de super-heróis no imaginário cultural. A influência estética dos super-heróis reflete na construção de uma masculinidade que vai além do comum, que excede o normal, a hipermasculinidade. Além dos efeitos estéticos, a hipermasculinidade também tem consequências que afetam os comportamentos dos indivíduos.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

Alan Camargo Silva e Jaqueline Ferreira (2019) desenvolvem um artigo em que discutem a dor sentida nos rituais de musculação das academias. Nesses espaços, o corpo musculoso serve como um símbolo de força, autocontrole e disciplina, bem como os moldes dos super-heróis hipermusculosos. Além disso, funcionam como um dispositivo de status, não apenas diferenciando homens entre si, como também como um capital que afasta esses homens do feminino, do infantil e da homossexualidade. São rituais que buscam corpos cada vez maiores porque hierarquizam através de marcas e símbolos fáceis de diferenciar, como o tamanho, e não por meio de símbolos complexos, como o status cultural.

A dureza dos músculos e o enfrentamento da dor são uma forma de evitar se mostrar mole e emotivo, mostrando coragem, compromisso e autenticidade, mostrando também que vulnerabilidade é sinônimo de fracasso. Nessa direção, encontra-se uma lógica violenta, que agride o próprio corpo, que humilha os fracos e pressiona a todos para que cheguem a um ideal inalcançável. Do lado das mulheres, isso mostra que esses homens buscam dominá-las, intimidá-las e tratá-las como objetos. Pensando a hipermuscularização como um ritual de hipermasculinidade, podemos chegar à conclusão de que a busca pelo corpo musculoso é uma dimensão mais do que estética, mas política. A dor é mais do que uma sensação, mas uma forma de expressão. Portanto, a violência ultrapassa o mero lugar de ato e passa a ser uma lógica cultural.

A proposta deste artigo, desenvolvido a partir da análise de relatos de cosplayers gays de super-heróis, é pensar a hipermasculinidade presente nas narrativas destes seres superpoderosos como forma de produção de gênero e de masculinidades. Ao mesmo tempo, a partir deste modelo *mainstream* de narrativa, desenvolve-se um circuito de violência que se relaciona à necessidade de se provar homem. Se, por um lado, o artigo exemplifica como o gênero, a masculinidade e a hipermasculinidade são construídas, ele também explica como esse mesmo modelo acaba desestabilizado. Um curto-circuito é produzido neste ciclo de violência quando operado por identidades dissidentes, como a dos cosplayers LGBTQIA+ de super-heróis, cujos relatos são aqui expostos. Estes indivíduos, aqui pesquisados através de uma pesquisa qualitativa de narrativa, são exemplos de que é possível romper o circuito da violência, se a necessidade de se provar homem frente a um modelo hipermasculino for desconstruída. A identidade queer oferece

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

essas ferramentas, apropriando-se da hipermasculinidade e desfazendo-a em formas identitárias, comunitárias e até mesmo eróticas.

METODOLOGIA

Este artigo é construído com um teor fortemente ensaístico, buscando oferecer novos direcionamentos teóricos para as relações entre a produção da hipermasculinidade e os atos de violência, como se fossem correlacionados. O universo pesquisado é o de homens brasileiros consumidores de produtos relacionados com super-heróis. Para isso, investiga não apenas referenciais teóricos de estudos de gênero clássicos e contemporâneos, como também se apoia em um extenso trabalho empírico desenvolvido durante dois anos de estágio pós-doutoral.

Esta pesquisa se iniciou com um formulário online que buscava estabelecer relações entre percepções sobre a masculinidade de quinze super-heróis das editoras de quadrinhos Marvel e DC Comics. A pesquisa obteve quinhentas respostas, abrindo diversas possibilidades de análise. Uma delas é a relação entre a hipermasculinidade dos super-heróis e a violência apresentada nos quadrinhos e no audiovisual e como ela afeta seu público. Outra frente, que foi a segunda parte da pesquisa iniciada no ano seguinte, dava conta de entender os cosplayers de super-heróis, ou seja, homens que se vestem como super-heróis em eventos especiais. Decidiu-se por recortar a amostra em cosplayers LGBTQIA+ que se vestem ou se vestiram de super-heróis como cosplayers. Foram realizadas nove entrevistas semiestruturadas com esses profissionais entre julho e outubro de 2025. Neste artigo, com base em todo o arcabouço prévio desta pesquisa e nos pressupostos teóricos aqui assumidos, pretendemos entender como vestir-se como super-herói pode produzir gênero, hipermasculinidade e continuar ou quebrar o circuito da violência que o excesso do masculino desenvolve.

A PRODUÇÃO DO GÊNERO

Judith Butler (2017) explica que as identidades de gênero se estabilizam por dois mecanismos: performatividade e abjeção. A performatividade consiste na repetição

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

continua de normas culturais tão antigas que parecem naturais, tornando o gênero uma espécie de paródia sem original. Já a abjeção fixa fronteiras identitárias por meio do repúdio daquilo que deve ser excluído, especialmente, no caso da masculinidade, a homossexualidade. Assim, gênero se constrói tanto pela repetição normativa quanto pela rejeição daquilo que ameaça essa norma.

Butler (2015) aprofunda essa discussão ao afirmar que o performativo não apenas forma sujeitos, mas também permite sua contestação e reformulação. Para serem reconhecidos socialmente, indivíduos precisam caber nos “gêneros inteligíveis”, isto é, identidades que reiteram coerência entre sexo, gênero e desejo. Quando alguém escapa desses campos de inteligibilidade, surge a violência, seja ela física, simbólica ou social, como forma de corrigir ou expulsar o que não se encaixa. Essa dinâmica se articula com o conceito de abjeto de Julia Kristeva (2024), que define como abjeto aquilo que perturba a ordem, ameaça fronteiras e, por isso, é expulso da esfera do reconhecível.

A abjeção, portanto, não é apenas rejeição, mas um mecanismo cultural que define quem pode existir plenamente e quem será empurrado para as margens. Como observa Dodi Leal (2021), desde o nascimento somos educados em uma “pedagogia da rejeição” que desautoriza certos corpos e identidades a ocupar os mesmos espaços e oportunidades que os demais. Assim, performatividade e abjeção se entrelaçam: enquanto a repetição normativa produz sujeitos legíveis, o abjeto marca aqueles que ultrapassam limites e ameaçam o sistema, tornando-se alvo de exclusão, silenciamento ou violência.

A produção de gênero e, em especial, a da masculinidade, depende de um processo contínuo de objetificação moral e emocional, no qual o reconhecimento é substituído por distanciamento, dureza e instrumentalização. Esse processo de coisificação é chamado por Alex Honneth (2018) de reificação. Para Honneth, reificar é esquecer o reconhecimento, isto é, suspender a percepção do outro (e de si mesmo) como sujeito.

Esse mecanismo reificador aparece desde cedo nas práticas sociais que ensinam o que é “ser homem”: o menino aprende a reificar o outro ao ridicularizar o feminino, ao expulsar o “afeminado”, ao tratar a homossexualidade como ameaça, ao ver mulheres como território de conquista e outros homens como rivais. Mas, ao mesmo tempo, ele aprende a reificar a si mesmo ao tratar seu corpo como máquina de desempenho, sua sensibilidade como fraqueza, ou sua dor como algo a ser ocultado. A masculinidade acaba

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

sendo produzida por meio de um duplo esquecimento do reconhecimento: o outro deixa de ser sujeito, e o próprio homem também deixa de ser. O resultado é um modelo de gênero que exige invulnerabilidade, autocontrole rígido e violência como forma de manter status, exatamente porque o sujeito masculino foi treinado a não reconhecer nem a si nem os outros como plenamente humanos. Essa lógica também está atrelada às narrativas de super-heróis, que iremos abordar posteriormente.

A partir do diálogo entre Axel Honneth e Judith Butler, é possível compreender a produção da masculinidade como um processo simultâneo de reificação relacional e reificação identitária. No caso de Butler (2017), a reificação serve como uma espécie de decantação da identidade de gênero, sua fixação e sua normatização, quase como se aquele gênero buscado e, de certa forma, atingido tivesse se tornado uma “coisa”. Quando articulamos essas duas perspectivas, a masculinidade hegemônica aparece como um regime que só se sustenta ao coisificar: ela exige que homens tratem mulheres, pessoas LGBTQIA+ e homens subordinados como objetos a serem controlados (reificação no sentido de Honneth), ao mesmo tempo em que obriga cada homem a repetir um modelo fixo de virilidade, convertendo sua própria identidade em um papel rígido e instrumental (reificação no sentido de Butler). Assim, a masculinidade e o que se diferencia dela são produzidos a partir de um duplo processo de coisificação.

A partir de uma leitura de Friedrich Nietzsche, Maria Cristina Franco Ferraz (2010) aponta que uma das principais atividades relacionadas com o esquecimento é a digestão, ou seja, uma concepção em que o corpo engoliu e tornou próprio aquilo que se relacionava com ele. Isso pode se relacionar à somatificação do gênero, daquilo que escolhemos para ser tornado nosso e daquilo que rejeitamos. Por isso, conforme o autor alemão, sem a atividade plástica e corporal do esquecimento/digestão seria impossível para os seres humanos encararem o novo ou até mesmo serem felizes.

Baseado no biopoder de Michel Foucault, Paul B. Preciado (2018) acredita que nossos corpos vivem, atualmente, naquilo que batizou de era farmacopornográfica, uma “somatoficção”, em que os recursos para que ela seja ativada podem ser buscados em uma “somatoteca”. Nessa ficção, os corpos são programados para que sexo e gênero coincidam, dentro de uma lógica de produção capitalista. O autor ainda acrescenta que, na masculinidade, tudo depende de uma gestão de poder, de forma que:

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

A masculinidade, uma ficção biopolítica antiga construída dentro da sociedade soberana antes do século XVIII, depende de uma orquestração de poder e de técnicas corporais em um sistema em que poder circula através de ficções performativas compartilhadas, transmitidas de corpo a corpo por meio de signos semióticos e rituais materiais (Preciado, 2018, p. 388).

Por sua vez, Teresa de Lauretis (2019) cunhou o termo “tecnologias de gênero”, ao afirmar que o gênero seria resultado da interferência de diversos dispositivos sociais, como as mídias e outras práticas da vida cotidiana inseridas na cultura. Para a autora, “a construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação” (De Lauretis, 2019, p. 126). De modo similar, a mídia ao mesmo tempo influencia a cultura e é influenciada por ela, criando uma dinâmica que movimenta sentidos centrais e periféricos desta esfera. Assim, entendemos que os super-heróis, como um produto cultural atrelado a diversas mídias, funcionam ao mesmo tempo como um espelho da sociedade, um dispositivo de controle sociocultural e uma tecnologia engendradora, ou seja, que produz e processa noções e normas de gênero.

Raewyn Connell (*in* Schilling, 2023) entendeu que a forma como os corpos se generificam tem a ver com as condições socioculturais a que estão submetidos e desenvolveu três fases ou conjuntos de condições especiais para o desenvolvimento de corpos generificados. A primeira destas condições é a existência de concepções e ações estereotipadas que destacam a diferença entre os gêneros e eliminam ou ignoram suas semelhanças. Esse tipo de tratamento é verificado com frequência em representações de hipermasculinidade. A segunda etapa desta generificação se dá quando os corpos passam a apresentar mudanças reais em seu desenvolvimento. Alguns jovens, influenciados pelos estereótipos hipermasculinos, passam a buscar corpos musculosos e hipertrofiados, confirmando os estereótipos hipermasculinos, por exemplo, o dos super-heróis. Essa ratificação constitui, então, a terceira etapa da generificação. Os perigos dessa generificação, segundo Connell, são os de tornar conscientes e praticáveis atos que diferenciam homens e mulheres, criando diferenças corporais e socioculturais entre eles.

Mas não é somente a construção do corpo físico que amplia as diferenças de gênero; a performance cotidiana faz com que a performatividade, ou seja, aquilo que retemos do que pertence ou deve pertencer ao masculino ou ao feminino e aplicamos em nossas ações para trazer esses sentidos à tona, também deva ser considerada. A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

performance, segundo Diana Taylor (2023), é uma forma mediada de transmitirmos nossas ações com significado; ela transmite conhecimento através de nosso corpo. Taylor diferencia o performativo, termo cunhado por Judith Butler (2017), que resume, reifica e torna menos perceptíveis nossas ações voltadas ao efeito de gênero, do performático, uma ação consciente e produzida para gerar um efeito, esteja ela voltada para o gênero ou outra produção de sentido.

Diana Taylor (2023) entende que a performance é formada por dois elementos: o arquivo, que é as referências que usamos para ativar nossos atos em performance, aquele material que buscamos para imitar ou desconstruir; e o repertório, que é o arcabouço daquilo que já ativamos em algum momento e colocamos em ação como performance, no próprio ato, misturando referências. Essa dinâmica, explicada por Taylor, lembra a própria dinâmica da cultura, encontrada na memética, em que algo familiar interage com algo que se assemelha ao novo, fazendo com que essa ideia tenha aderência e se espalhe. Essa ideia se relaciona com a representação, uma vez que Émile Benveniste (2006) entende que essa prática é a soma entre o reconhecimento (de sentidos antigos) e a compreensão (de novas propostas), de forma que possa se estabelecer diferença, mas também semelhança entre ambas.

Representar tem a ver com apresentar mais de uma vez, ação que está ligada à performance. A noção de performance usada na produção da performatividade é útil quando ativamos os conceitos de arquivo e performance, que vão ao encontro da teoria de Connell exposta aqui previamente. Neste sentido, baseados em uma pesquisa prévia que analisava o comportamento do consumidor de super-heróis e as modificações em seus corpos e atitudes, desenvolvemos aqui três maneiras pelas quais o gênero, em especial a hipermasculinidade, pode interagir com a performatividade: a incorporação, a encarnação e a inculcação.

A partir do gênero como eixo central, podemos entender essas três dimensões como formas distintas de viver, experimentar e internalizar modos de ser no mundo. A encarnação aparece como o nível mais imediato, no qual as pessoas testam expressões de masculinidade, feminilidade ou identidades dissidentes por meio de gestos, estilos e pequenas performances do cotidiano. É quando alguém experimenta roupas, poses, modos de falar ou estéticas que evocam certos modelos de gênero, sem que isso se torne

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

uma marca fixa de sua identidade. Já a incorporação envolve um passo além: aquilo que antes era experimentação passa a se estabilizar no corpo e nos hábitos, moldando rotinas, escolhas estéticas e comportamentos que comunicam pertencimento a determinados modos de viver o gênero. Aqui entram práticas como treinos corporais orientados por ideais de masculinidade, cuidados estéticos associados a feminilidades específicas ou mudanças duradouras no visual que expressam identidades não normativas. Por fim, a inculcação opera no plano mental e cultural, quando discursos, memórias e referências sobre gênero se sedimentam e passam a orientar como o sujeito compreende a si mesmo e aos outros. É o momento em que leituras, estudos, vivências e reflexões formam um arquivo interno que organiza valores, percepções e modos de interpretar o mundo a partir das lentes do gênero.

Entendemos, então, que a hipermasculinidade e a violência dela decorrente podem surgir a partir destes três níveis. Seja incorporando formas violentas através de um corpo desenvolvido para praticar e resistir à violência, seja experimentando a violência na encarnação, portando símbolos e vestimentas que denotem esse tipo de atitude, mas principalmente na inculcação, em que os valores e direcionamentos de atitudes podem acarretar ações violentas, que são o maior perigo. Agora iremos apresentar uma seção que discorre sobre a produção da masculinidade, conceituando também a hipermasculinidade e suas relações com a produção da violência.

A PRODUÇÃO DA MASCULINIDADE E DA HIPERMASCULINIDADE

Partimos da concepção de masculinidade de Jack Halberstam (1998), entendida como um conjunto de práticas associadas ao poder, ao privilégio e à legitimidade social. A hipermasculinidade, por sua vez, representa um exagero dessas características, funcionando como performance espetacular que destaca força física, proezas e domínio, frequentemente em contraste com outras masculinidades consideradas inferiores. Estudos clássicos, como o Inventário da Hipermasculinidade (IH) de Mosher e Sirkin (1984), e pesquisas posteriores de Scharrer (2001) e Gutierrez (2019) mostram que esse ideal costuma envolver agressividade, aversão ao afeto, valorização do risco e desvalorização

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

das mulheres, compondo um repertório limitado de comportamentos e expressões de gênero.

Nas narrativas de super-heróis, essa lógica se manifesta sobretudo de forma visual e simbólica. O corpo masculino é exibido como capital estético e moral, reforçado por trajes que ampliam músculos, altura e sensação de poder. Como apontam Brownie e Graydon (2016), personagens como o Superman não são apenas masculinos, mas encarnações de uma hipermasculinidade superior, construída para parecer extraordinária. Nesse contexto, a hipermasculinidade funciona menos como traço psicológico e mais como signo semiótico, moldando tanto heróis quanto anti-heróis, com estes últimos exemplos frequentemente adotados por homens que buscam modelos ainda mais agressivos e violentos de identidade masculina.

O desejo masculino por músculos, como aponta Loïc Wacquant (1995), integra uma “cosmogonia masculina” que promete resolver ansiedades internas por meio da construção de uma carapaça corporal. Nesse processo, o corpo torna-se objeto de controle e investimento, já que os músculos funcionam como símbolo central da masculinidade e como defesa contra a sensação de vulnerabilidade. Essa lógica se articula diretamente com o universo dos super-heróis, cujas figuras musculosas emergem como respostas históricas às crises de masculinidade do final do século XIX.

A partir desse contexto, os super-heróis consolidaram-se como uma “ficção dominante”, nos termos de Kaja Silverman (2013), projetando um ideal corporal e moral centrado em homens cis, brancos, jovens e heterossexuais. Esses corpos perfeitos encarnavam a potência política e cultural dos Estados Unidos e reforçavam modelos de ordem, disciplina e autoridade. Assim, o ideal muscular tornou-se não apenas um padrão estético, mas também um dispositivo narrativo que legitima hierarquias sociais e regula comportamentos masculinos.

A busca por controle corporal, presente no cânone da masculinidade, ecoa nas narrativas super-heróicas como demanda por ordem e estabilidade. A musculatura, nesse sentido, é celebrada como prova de força, coragem e capacidade de ação, e sua exibição constante nas mídias reforça a ideia de que a masculinidade deve ser continuamente demonstrada e avaliada. A violência, o risco e a espetacularização do corpo tornam-se, assim, elementos centrais na afirmação desse ideal.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

O “jogo da violência”, descrito por Victor Seidler (2008), envolve a troca entre infligir e suportar violência como forma de validar a masculinidade, minimizando seus efeitos e transformando-a em espetáculo. Essa lógica se globalizou, aparecendo tanto nos esportes quanto na cultura dos super-heróis, que funcionam como protagonistas de uma masculinidade alinhada ao mercado, à economia global e à padronização de narrativas e desejos. Nesse cenário, a violência, a conquista e a persuasão tornam-se elementos centrais na construção de um ideal masculino que se pretende universal.

A violência associada à masculinidade nos quadrinhos dialoga diretamente com aquela presente no audiovisual. Pesquisas mostram que super-heróis cometem mais atos violentos por hora de filme do que os próprios vilões e que heróis homens são significativamente mais violentos do que heroínas. Essa espetacularização da violência aproxima a cultura dos super-heróis do que Pizarro e Baumeister (2013) chamam de “pornografia moral”: uma lógica narrativa em que conflitos são resolvidos de forma direta, sem ambiguidades, e onde a violência aparece como recurso natural e legitimado por figuras de autoridade. Assim, tanto o cinema quanto os quadrinhos reforçam a ideia de que a violência é um instrumento inerente ao masculino e essencial para manter a ordem.

Essa construção dialoga com a análise de Rita Segato (2025), que entende a violência como mecanismo de produção de status viril, uma prova constante de força e superioridade. No universo dos super-heróis, essa lógica se intensifica: atos épicos de violência são dirigidos contra “desiguais”, reforçando hierarquias e produzindo prazer narrativo típico da pornografia moral. A violência torna-se, então, um valor em si, capaz de organizar o mundo e consolidar hegemonias masculinas, estadunidenses e midiáticas. Nesse processo, o espetáculo da força física não apenas entretém, mas legitima modelos de poder e reafirma a centralidade da hipermasculinidade nas narrativas de super-heróis.

A hipermasculinidade, entendida à luz do conceito de espetáculo de Guy Debord (2007), manifesta-se como performance pública moldada pela mídia, pelo consumo e pela estética corporal. Ela transforma o corpo masculino em objeto de exibição e disciplina comportamentos em busca de reconhecimento social, reforçando mecanismos de poder. Nas narrativas de super-heróis, essa masculinidade deve ser hiperbólica e constantemente superada, sustentada por uma audiência homossocial que celebra feitos extraordinários.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

Assim, a hipermasculinidade estadunidense, amplificada pelos produtos culturais e pela mídia global, consolida uma cultura de fãs que admira não apenas os heróis, mas o modelo de masculinidade que eles encarnam.

Em um estudo anterior (Miorando, Beiras, Salinas, no prelo), foi verificado que os super-heróis mais violentos dos quadrinhos e do audiovisual desenvolvem seu espetáculo da masculinidade através de uma relação com a dor, que pode surgir de pelo menos três formas principais: a discriminação racial, a dor física e aquela dor provocada pelas dinâmicas de exploração do trabalho.

A análise histórica mostra que os picos de violência nas narrativas coincidem com períodos de “remasculinização” dos Estados Unidos, especialmente em momentos pré- ou pós-guerra. Nos quadrinhos, as décadas de 1930 e 1970 concentram os personagens mais violentos, enquanto no audiovisual esse papel recai sobre os anos 2000, após o 11 de setembro. Ainda assim, a violência média nos quadrinhos supera a do audiovisual, indicando que cada mídia e cada herói possuem padrões próprios de intensidade violenta.

Entre os personagens analisados, Deadpool e Wolverine se destacam como os mais violentos, especialmente por representarem masculinidades ligadas à dor e à regeneração, reforçando um ideal hipermasculino de resistência. Já os heróis negros (Pantera Negra e Super Choque) apresentam índices elevados de violência por razões distintas: no caso do Pantera Negra, a violência é usada para legitimar sua autoridade e compensar décadas de representações descoladas da realidade negra; no caso do Super Choque, ela emerge do ambiente social marcado por violência estrutural. Esses padrões revelam como a racialização influencia tanto a forma quanto a função da violência nas narrativas.

Superman e Demolidor, por sua vez, expressam uma masculinidade vinculada ao sofrimento do trabalho, já que suas identidades civis (jornalista e advogado) lidam diretamente com tensões éticas e sociais. Embora não liderem o ranking geral, ambos apresentam altos índices de violência em momentos específicos de suas trajetórias, especialmente em suas primeiras aparições, quando ainda precisavam “provar” seu status heroico. Com o tempo, especialmente no caso do Superman, a necessidade de recorrer à violência diminui, sugerindo que a legitimação da masculinidade heroica também se transforma conforme o personagem se consolida culturalmente. Dessa forma, a dor é um

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

elemento comum entre os heróis hiperviolentos e, portanto, hipermasculinos. Os resultados mostraram que os maiores índices de violência nos quadrinhos e no audiovisual de produções de super-heróis estão relacionados a anti-heróis resistentes à dor.

Em um estudo anterior (Miorando, Beiras, 2025), entendemos que a agressividade pode ser entendida como um traço central da hipermasculinidade que combina força, crueldade e desequilíbrio emocional, funcionando como marca moral de perigo e desordem. Ela aparece como atributo que aproxima certos personagens do ideal do “homem de verdade” (Kimmel, 2018), ao mesmo tempo em que os posiciona como figuras poluentes no sentido de Mary Douglas (2019), ou seja, agentes que ameaçam a ordem social. Nos anti-heróis, a agressividade opera como instrumento de restauração de uma ordem especificamente masculina, não social: é por meio dela que reafirmam a superioridade do masculino sobre outras expressões de gênero, encarnando o mito da violência restauradora e reforçando uma lógica em que poder e virilidade dependem da capacidade de infligir violência (Wink, 1998).

A agressividade faz parte das narrativas de super-heróis e pode ser compreendida como parte das pedagogias de masculinidade descritas por Elizabeth Badinter (1993), pois reproduzem exatamente os mecanismos pelos quais se fabrica o chamado “homem de verdade”. Essas histórias colocam seus protagonistas diante de limiares críticos (superar o medo, dominar o corpo, vencer o inimigo, afastar qualquer traço associado ao infantil ou ao feminino), reforçando a ideia de que a masculinidade exige constante superação. Também operam pela lógica da prova permanente: não basta ser herói, é preciso demonstrar virilidade a cada combate, a cada façanha, a cada demonstração de força. Além disso, a ausência de figuras paternas significativas ou de diálogos sobre o que significa ser homem é recorrente nesses universos ficcionais, empurrando os personagens para processos de masculinização baseados na tríplice negação apontada por Badinter (1993) (provar que não são mulheres, nem crianças, nem homens desviantes) e consolidando, assim, um modelo pedagógico de virilidade que molda tanto os heróis quanto seus públicos.

Raewyn Connell (2005) propõe que a masculinidade funciona como uma política de gênero estruturada por relações de aliança, dominação e subordinação entre diferentes masculinidades. Essas relações produzem práticas que incluem, excluem, intimidam e

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

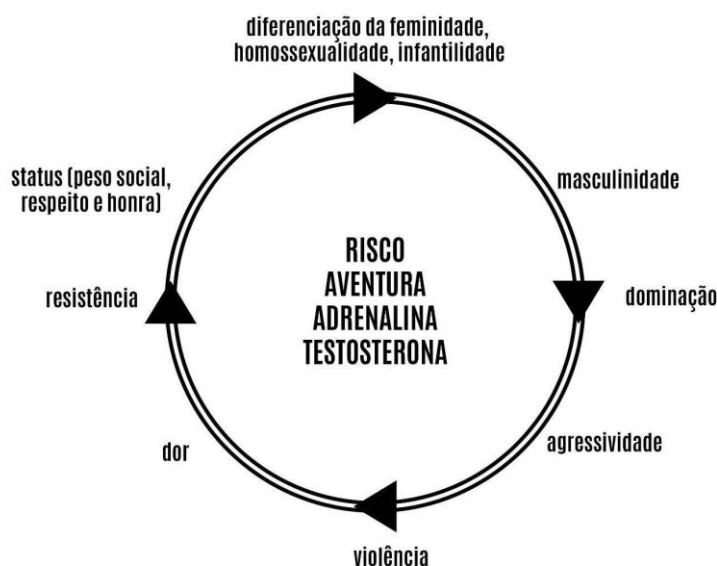
exploram, sustentando sistemas de opressão. Nesse sentido, a masculinidade não é apenas um conjunto de comportamentos individuais, mas um arranjo social que organiza hierarquias e legitima desigualdades. Jablonka (2021) complementa essa visão ao definir as masculinidades de dominação como aquelas orientadas para exercer poder e impor-se como “homem”, estruturando-se sobre uma tripla violência: contra mulheres, contra “sub-homens” e contra meninos.

Essa lógica de dominação é reforçada por mecanismos simbólicos e sociais que fazem com que os próprios dominados reproduzam os esquemas que os subordinam, como observa Bourdieu (2019). A cumplicidade masculina, descrita por Daniel Welzer-Lang (2001) como “casa-dos-homens”, é um desses mecanismos. Inspirado em rituais da tribo Baruya, o autor identifica espaços exclusivamente masculinos (como esportes coletivos, prisões, clubes e pátios escolares) onde se aprendem e se reforçam gestos, desejos e comportamentos considerados masculinos. Esses ambientes funcionam como laboratórios de homossociabilidade, nos quais se reproduzem competições de virilidade e modelos sexuais que moldam o que significa “ser homem”.

Michael Schwalbe (2014) acrescenta que homens que buscam reconhecimento de outros homens mais poderosos tornam-se mais controláveis, pois se submetem às regras do contrato de gênero para obter validação. Esse processo gera violência em duas direções: contra si mesmos, ao tentar adequar corpo e comportamento ao modelo dominante, e contra outros homens, na disputa por status. Assim, a masculinidade hegemônica se sustenta por um ciclo de submissão e privilégio, no qual imitar o modelo dominante garante vantagens, mas também reforça a estrutura que oprime.

Compreender esses mecanismos permite entender as bases do machismo, definido por Fuller (1997) como a ideologia que legitima a supremacia masculina. Embora o machismo garanta privilégios, ele também revela fragilidades: como aponta Anzaldúa (2021), muitos homens recorrem ao machismo como resposta à opressão, à pobreza e à baixa autoestima, tentando reafirmar um poder que sentem ameaçado. Dessa forma, a dominação masculina não é apenas um sistema de opressão voltado para fora, mas também um dispositivo que aprisiona os próprios homens em expectativas rígidas e violentas de gênero. Entendemos, assim, que a produção da masculinidade é desenvolvida por meio de um circuito que segue o esquema abaixo.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

Figura 1 - A inculcação do circuito da masculinidade

Fonte: desenvolvida pelos autores.

Para se estabelecer a masculinidade, é preciso, antes de tudo, uma diferença. Ela se contrapõe a tudo o que é feminino, homossexual ou infantil. Para ser garantida, é necessário que o ser masculino desenvolva uma força de dominação, que se manifestará por meio de diferentes níveis de agressividade. A agressividade é operacionalizada através da violência e desenvolve a dor tanto em quem é a vítima como no agressor, porque está sendo exigida dele essa performatividade, como forma de garantia de seus privilégios. A dor, trocada entre agressor e agredido, como em uma luta ou um combate físico, demanda resistência por parte do homem, que não precisa apenas ser mantida, mas também espetacularizada. Aliás, todo esse circuito prevê uma série de performances exageradas por parte dos homens. A partir da demonstração de resistência, o homem ganha status, um peso social que envolve conceitos como respeito e honra e, assim, conquista essa diferenciação em relação ao feminino, ao homossexual e ao infantil. Ao pensar em hipermasculinidade, esse circuito e as falhas que podem ser encontradas nele,

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

entrando em curto, são acentuados principalmente nas fases que vão da violência ao status.

COSPLAY E O (CURTO) CIRCUITO DA HIPERMASCULINIDADE

Nesta seção, tentamos responder de que maneira personagens hipermasculinos, como os super-heróis, podem romper as lógicas e o circuito formado pela inculcação da masculinidade violenta nos homens. Os super-heróis são pensados através da violência como base de suas narrativas, uma vez que se baseiam no difundido mito da violência restauradora (Duncan, Smith, 2003) das tramas desenvolvidas nos Estados Unidos, em que um salvador impõe a ordem através da força. A violência super-heróica também está relacionada com seus corpos anabolizados e hipertrofiados que emprestam o sentido de poder também às suas visualidades, além de suas possibilidades de feitos sobre-humanos. Essas lógicas atrelam os super-heróis à hipermasculinidade. Contudo, ao desenvolver entrevistas com cosplayers LGBTQIA+ que performam super-heróis, realizadas entre julho e outubro de 2025, percebemos que a condição queer e a prática cosplay ajudam a romper a inculcação da hipermasculinidade e também o circuito da violência projetada para o gênero masculino.

Em primeiro lugar, esse (curto-) circuito na inculcação da hipermasculinidade acontece porque essa performatividade não é tomada a sério, mas como um jogo, uma brincadeira, algo que, como Butler (2017) já sugeria, é um exagero desenvolvido para uma audiência e, como colocamos aqui, um espetáculo da masculinidade exacerbada, algo extremamente teatral. No jogo e na brincadeira, é ativada a criatividade, que, segundo o psicanalista Donald Winnicott (2019), é através dela que o indivíduo utiliza toda sua personalidade para entender sua motivação e propósito. Para ele, é nesse momento de jogo e brincadeira em que o indivíduo baixa suas defesas e se permite relaxar e produzir associações livres entre fantasia e cotidiano real. Para ele, isso é ainda mais importante para o desenvolvimento da masculinidade porque, em sua concepção, o elemento masculino faz, enquanto o elemento feminino é. Assim, para Winnicott, o ser humano alia o brincar à experiência cultural, dada a valorização destes elementos na sua vida. “Eles conectam o passado, o presente e o futuro; ocupam o espaço e o tempo.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

Demandam e obtêm nossa concentrada e deliberada atenção, mas sem o exagero de quem tenta se concentrar demais” (Winnicott, 2019, p. 175).

A brincadeira e condição de jogo ligada à interpretação ainda traz uma outra camada que é a vulnerabilidade pública: o indivíduo precisa se submeter ao escrutínio de avaliadores de sua performance, ou ainda de sua performatividade, quando aproximamos essa atividade aos estudos de gênero. Para encarnar outra realidade, outra identidade, o cosplayer precisa se apoiar no seu traje, nas máscaras concretas e interpretativas a que recorre para desenvolver o personagem. “O cosplayer é altamente dependente da roupa. Por mais que ele estude o enredo que o agrada e escolha um personagem, ele só reproduz traços; não é vivenciado um processo de construção do personagem como é feito pelo ator” (Marinho, 2021, p. 71) Neste processo, acontece um processo contrário ao ator que veste o personagem, já que o personagem é quem veste o cosplayer durante todo o processo de feitura de roupa, envolvimento com a sua criação, e com a encarnação desta criatura pelo cosplayer.

Submeter-se e a sua criação (e criatura) ao escrutínio público envolve a mesma vulnerabilidade que pessoas dissidentes sentem em relação às performatividades de gênero hegemônico. Muitas vezes essas pessoas precisam recorrer a artifícios para esconder sua verdadeira realidade, identidade ou sexualidade. As máscaras ou vestimentas dos cosplays são mais do que analogias a essa situação. Elas promovem tanto um distanciamento como uma intermediação entre a dimensão individual e a dimensão social, onde estão presentes e circulam os estereótipos. Esses estereótipos podem ser rompidos através da intervenção da experiência individual sobre aquilo que está cristalizado socioculturalmente. Elina Matoso e Mario J. Buchbinder (1994) desenvolvem um esquema de como as fantasias criam uma triangulação com identificações e identidades fragmentadas, restaurando a unidade e o self do indivíduo que pratica o jogo de máscaras e interpretações:

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

Figura 2 - A triangulação de sentidos provocada pela experiência terapêutica das máscaras.



Fonte: Buchbinder, Matoso (1994, p. 81).

A identidade restaurada obtida pela prática terapêutica da interpretação sobre o corpo fragmentado, quando de sua experiência compartilhada, também acaba criando para o cosplayer uma comunidade de acolhimento. Nela, as experiências reais são diluídas pelas experiências dos personagens encarnados e, assim, se tornam menos intensas, e as identidades acabam vistas como algo compartilhado, algo fluido, um laboratório de experimentações. O cosplay ajuda a desnaturalizar as relações de corpo e gênero, mostrando que todos podem encarnar seus personagens preferidos, independentemente da sua forma corporal, da sua cor de pele ou do gênero com que nasceu. O cosplay ajuda a experimentar com o corpo práticas que são muito apreciadas e buscadas pela comunidade queer, ao buscar romper estereótipos e hegemonias de gênero. Então, pensando na direção da forma como os cosplayers desenvolvem laços emotivos com seus personagens e como os aplicam aos seus corpos e existências, podemos afirmar que esta prática oferece uma pedagogia do afeto e da imaginação. O cosplay desenvolve no indivíduo uma aceitação identitária a partir da experimentação e da troca da identidade, levando a assumir que essa característica humana é fluida e que o corpo é uma mídia através da qual expressamos nossas diversas performances.

COMO O QUEER E O COSPLAY PROVOCAM UM CURTO-CIRCUITO NO CÍRCULO VICIOSO DA (HIPER) MASCULINIDADE

Pensando o cosplay como um elemento que auxilia a criar novas realidades identitárias, o queer será uma forma de pensar que direciona para a contestação do que está estabelecido, uma vez que o queer busca duvidar e estranhar as coisas. “O estranhamento em suas variadas manifestações é um recurso capaz de promover um novo olhar para a realidade, removendo o véu de familiaridade que nos impede de ver o mundo como ele é de fato” (Amaral, 2023, p. 25). O cosplay, enquanto arte e enquanto arte queer, provoca esse deslocamento dos sentidos, da forma de enxergar, porque a arte tem a função de nos despertar do torpor automático do dia a dia, despertando, apontando para o obscurecimento da forma e para o aumento da dificuldade e da duração da percepção (Chklovski, 2013).

Pensando a arte cosplay como uma arte queer e, mais ainda, como uma força epistemológica, entendemos que esse recurso impede a fixação da crença, um movimento estudado por Charles Sanders Peirce (Pérez, 2023) que transforma pressupostos em certezas. Peirce entende que as crenças se fixam para evitar o desconforto da dúvida. Por isso, a intenção do queer é insistir nessa dúvida, nesse desconforto daquilo que deve ser, mas não é. A potência do queer é desestabilizar estruturas, como o circuito da violência na masculinidade, colocando em xeque ditames sobre como um homem deve ser e se portar. O estabelecimento da diferença, essencial para a produção da identidade de gênero e, por conseguinte, da masculinidade, é o principal elemento a ser implodido pelo queer. “A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito” (Louro, 2018, p. 45), buscando a estratégia de “mostrar o queer naquilo que é normal e o normal do queer” (Tierney, Dilley, 1998, p. 60).

Esse duplo movimento pode ser notado na arte cosplay, já que essa prática destaca uma desestabilização mostrando que a identidade é construída e não inata, ao mesmo tempo que a identidade de gênero, particularmente, passa a ser uma performance explícita. O corpo, por sua vez, passa a ser uma plataforma de ficção, que alia mundos já existentes, reais ou imaginários, criando novas possibilidades de existência. O cosplay, portanto, é uma prática que torna visível aquilo que o queer teoriza: nada do que

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

chamamos de “normal” é natural; tudo é montagem. Ou ainda, nas palavras da drag queen superstar, RuPaul: “Todos nós nascemos nus, o resto é drag” (Rupaul, 1995) ou cosplay, ou vestuário, moda, gênero, identidade...

A teoria queer também entende que esta lógica pode interromper o circuito da violência. Judith Butler (2015; 2017; 2022) entende que os corpos queer são submetidos à violência porque o sistema normativo depende da coerção para se manter. O queer tem a possibilidade de dissolver a violência porque escancara que a norma só persiste através da violência. Essa violência é, portanto, estrutural e só persiste porque é naturalizada; ao quebrar essa naturalização, o queer mostra a artificialidade dos atos violentos. Isso se relaciona também com os pressupostos de Jack Halberstam (1998; 2020) quando fala sobre o fracasso queer. Essa falha quebra com a lógica violenta da masculinidade hegemônica que exige força, controle e dominação. Esse fracasso em performar um “homem de verdade”, no caso da masculinidade, é uma recusa ativa da violência da norma. Essa norma é mantida pelo medo, ódio e repulsa. Como explica Ahmed (2012; 2017), a violência é o custo da normalidade.

Como vimos, o queer tem a função tanto de promover uma análise aprofundada como de questionar aquilo que parecia sólido, mostrando as fissuras na estrutura, as fragilidades naquilo que, como a masculinidade, refuta a vulnerabilidade. A prática do cosplay ataca a superficialidade da pele e das fantasias; essas estruturas, como o circuito de masculinidade, são estruturas que se autoalimentam. O cosplay coloca em evidência, sobre a pele, de forma visível e incontestável, as falhas de um sistema que se diz infalível e o queer se infiltra por dentro, desestabilizando conceitos e ruindo construções estabilizadas por mera convenção e exercício de poder, dominação e violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo mostram que a hipermasculinidade dos super-heróis não é apenas um estilo narrativo, mas um dispositivo de produção de gênero que organiza corpos, desejos e comportamentos. Como o artigo demonstra, a musculatura, a dor e a violência funcionam como tecnologias de masculinização que se repetem culturalmente e se sedimentam como norma. Entretanto, ao analisar os relatos de cosplayers

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

LGBTQIA+, o artigo evidencia que esse circuito não é fechado. Quando identidades dissidentes se apropriam da estética hipermasculina, elas interrompem o fluxo da violência, desmontando sua função disciplinar e revelando a artificialidade da norma.

Assim, o queer não apenas desestabiliza a hipermasculinidade: ele abre brechas para outras formas de existir, que não tenham a violência e a rigidez como base. Se a masculinidade hegemônica depende da dor, da dureza e da exclusão para se manter, o queer mostra que é possível produzir masculinidades que não se organizem por essa lógica, mas pela aceitação das diferenças e pela construção de uma comunidade não pela semelhança ou pela tentativa de se esforçar para se equiparar ao modelo, mas pelas diferenças. Ainda entendemos que a cultura dos super-heróis, embora historicamente alinhada à produção de virilidade e violência, também contém potencial para ser reapropriada como espaço comunal. Um lugar de resistência, crítica e criação de mundos possíveis. O curto-circuito queer não destrói o sistema ou a estrutura, mas revela seus limites e desenhos, permitindo que uma transformação se ponha em prática.

Os limites deste estudo se revelam tanto no recorte metodológico quanto nas escolhas teóricas. A análise foi baseada em relatos de cosplayers queer de super-heróis, o que restringe a diversidade de experiências observadas. Assim, não foram contempladas vivências de mulheres, pessoas não binárias ou cosplayers heterossexuais, que poderiam ampliar o entendimento sobre como a hipermasculinidade é entendida e construída. Além disso, o foco no contexto brasileiro limita a generalização dos resultados para outros cenários socioculturais. A dependência de narrativas autorrelatadas também implica vieses de memória e interpretação, próprios da metodologia qualitativa. Por fim, o artigo se concentra principalmente na dimensão corporal e estética da masculinidade, explorando com menos destaque as expressões afetivas, relacionais e comunitárias.

Pesquisas futuras podem expandir este debate. Uma possibilidade é investigar como pessoas trans, não binárias e mulheres cosplayers reapropriam ou reconfiguram a estética hipermasculina, produzindo outros tipos de curto-circuito da violência, como na prática conhecida como crossplay. Estudos comparativos entre diferentes plataformas (anime, games, livros, quadrinhos, filmes, séries) também podem revelar como distintas narrativas midiáticas moldam ou desestabilizam masculinidades. Por fim, análises interseccionais envolvendo raça, classe, corporalidades gordas ou com deficiência

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

ampliariam a compreensão da hipermasculinidade como dispositivo social, enquanto estudos sobre erotização queer dos super-heróis aprofundariam a dimensão comunitária e afetiva do curto-circuito produzido pelas identidades dissidentes.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

AHMED, Sara. **Living a feminist life**. Durham: Duke University Press, 2017.

AMARAL, George. **Um estranho tão familiar**: teorias e reflexões sobre o estranhamento na ficção. São Paulo: Bandeirola, 2023.

ANDRADE, Vinícius. ‘Um dos maiores fracassos do ano’, diz Variety sobre Mestres do Universo. **Tangerina**. Publicado em 17 de junho de 2026. Disponível em: <https://tangerina.uol.com.br/filmes-series/um-dos-maiores-fracassos-do-ano-diz-variety-sobre-mestres-do-universo/>. Acesso em 18 de julho de 2026.

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

BADINTER, Elizabeth. **XY**: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BROWNIE, Barbara; GRAYDON, Danny. **The superhero costume**: identity and disguise in fact and fiction. Londres: Bloomsbury, 2016.

BUCHBINDER, Mario J.; MATOSO, Elina. **Las mascarar de las mascarar**: experiencia expresiva corporal terapeutica. Buenos Aires: Eudeba, 1994.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. *In*: TODOROV, Tzvetan. **Teoria da literatura**: textos dos formalistas russos. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**. 21, n. 1, p. 424, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?format=html&lang=pt>.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-156.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: seguida por comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESTADO DE MINAS. Brasileiros estão em 2º no ranking mundial dos que mais vão a academias. Publicado em 18 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/01/18/interna_bem_viver,1446196/brasileiros-estao-em-2-no-ranking-mundial-dos-que-mais-vaio-a-academias.shtml Acesso em: 18 de julho de 2026.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

DUNCAN, Randy; SMITH, Matthew. **The power of comics**: history, form and culture. Londres: Bloomsbury Academic, 2003.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis**: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

GUTIERREZ, Filomin C. Violence and Hypermasculinity in University Fraternity Initiations: Situating the Reproduction of Masculinity in the Philippines. **Journal of Men's Studies**. [S. I.], v. 27, n. 2, p. 149-168, 2019.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe Editora, 2020.

HALBERSTAM, Jack. **Female masculinity**. Durham: Duke University Press, 1998.

HONNETH, Alex. **Reificação**: um estudo de teoria do reconhecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

JABLONKA, Ivan. **Homens justos**: do patriarcado às novas masculinidades. São Paulo: Todavia, 2021.

KIMMEL, Michael. Masculinity and our common humanity: “real” men versus “good” men. *In*: WAY, Niobe; ALI, Alisha; GILLIGAN, Carol; NOGUERA, Pedro. **The crisis**

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

of connection: roots, consequences, and solutions. Nova York: New York University Press, 2018.

KRISTEVA, Julia. **Powers of horror:** an essay on abjection. Nova York; Columbia University Press, 2024.

LEAL, Dodi. **Performatividade transgênera:** equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral. São Paulo: Hucitec, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MACHADO, Simone. Procura por cirurgias plásticas cresce 95% entre homens, mostra estudo. **CNN Brasil Saúde**. Publicado em 23 de abril de 2026. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/procura-por-cirurgias-plasticas-cresce-95-entre-homens-mostra-estudo/>. Acesso em 18 de julho de 2026.

MARINHO, Anderson. **Processos da cena cosplay:** conexões entre jogo e teatro na prática em São Luís. Maringá: Viseu, 2021.

MIORANDO, Guilherme Sfredo. **Mitos, messias e salvadores da pátria:** sentidos de masculinidade em memes de super-heróis usados pelo bolsonarismo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Faculdade da Indústria Criativa, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/items/91893f93-c330-41e8-be82-e90354d82827>. Acesso: 18 ago. 2026.

MIORANDO, Guilherme Sfredo; BEIRAS, Adriano. Entre a pureza e o perigo: os perfis de masculinidades dos super-heróis. *In:* GOMES, Nataniel dos Santos; NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva; MIORANDO, Guilherme Sfredo; DA SILVA, Lucio Luiz Corrêa; GAGO, Sebastian; VIANA, Joyce Mirella dos Anjos; BAHIA, Luísa Arantes. **Super-heróis, política e identidades**. Leopoldina, MG: Editora da ASPAS, 2025.

MIORANDO, Guilherme Sfredo; BEIRAS, Adriano; SALINAS, Martín Alejandro. Duele ser Wolverine: las violencias de los superhéroes en los cómics y en lo audiovisual. **Aula y Ciencia** (no prelo).

PÉREZ, Clotilde. **Charles Sanders Peirce:** a fixação da crença. São Paulo: Paulus Editora, 2023.

PIZARRO, D. A., BAUMEISTER, R. Superhero comics as moral pornography. *In:* Rosenberg, R. S. **Our superheroes, ourselves**. Cambridge: Oxford University Press, 2013.

RUPAUL. **Lettin' it all hang out:** An Autobiography. New York: Hyperion, 1995.

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112

SEGATO, Rita. **As estruturas elementares da violência**: ensaios sobre gênero entre a antropologia, a psicanálise e os direitos humanos. Bazar do Tempo. Rio de Janeiro, 2025.

SEIDLER, Victor. La violencia: ¿el juego del hombre? In: J. C. R. RODRÍGUEZ & G. U. VÁZQUEZ. **Masculinidades**. Plaza y Valdés / Calle de las Eras, 2008.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: etnografia de uma academia de ginástica. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 160–173, abr. 2019.

SILVERMAN, Kaja. **Male subjectivity at the margins**. Routledge. Londres, 1992.

SCHARRER, Erica. Men, muscles, and machismo: the relationship between television violence exposure and aggression and hostility in the presence of hypermasculinity. **Media Psychology**, v. 3, n. 2, 2001, p. 159-188.

SCHWALBE, Michael. **Manhood acts**: gender and the practices of domination. Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2014.

SCHILLING, Chris. **O corpo**: uma introdução histórica, social e cultural. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

TAYLOR, Diana. **Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

TERRA ESPORTES. Brasil é o segundo maior polo de fisiculturismo do mundo. Publicado em 28 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/brasil-e-o-segundo-maior-polo-de-fisiculturismo-do-mundo,6e84339f23c10f57bad58824808dff656wxedwyw.html>. Acesso em 18 de julho de 2026.

TIERNEY, William; DILLEY, Patrick. Constructing knowledge: educational research and gay and lesbian studies. In: PINAR, William (org.). **Queer theory and education**. New Jersey e Londres: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998, p. 49-71.

WACQUANT, Loïc. Why men desire muscles? **Body & Society** 1, no. 1, 1995, p. 163–179. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1357034X95001001010>.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v.9, n.2, p.460-482, 2001.

WINK, Walter. **The powers that be**. Nova York: Galilee, Doubleday, 1998.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

Recebido em: 08/08/26 Aprovado em: 08/09/26
--

A hipermasculinidade dos Super-Heróis e o (curto) circuito da violência – Guilherme “Smee” Sfredo Miorando; Adriano Beiras – p. 87-112